

SEÇÃO IV – RESENHAS

Educação e emancipação. Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

Fernanda Ribeiro de Almeida¹²⁸

Submetida e aprovada em dezembro de 2016.

Quais práticas devem ser priorizadas no processo de ensino e aprendizagem? A tecnologia e seus aparatos podem contribuir de maneira positiva nesse processo? Qual papel a educação desempenha em uma sociedade cuja finalidade e alicerce se tornou a troca comercial? Aliás, qual papel a educação deve desempenhar por si mesma? Essas perguntas, recorrentes no cenário atual de educação, foram levantadas e debatidas por um expoente da Escola de Frankfurt há cinquenta anos. Reunidos em um único volume, sob o título Educação e Emancipação, encontram-se oito textos de Theodor W. Adorno cuja temática comum é a pedagogia prática. Publicados durante o período compreendido entre os anos de 1959 e 1969, estes textos são frutos de palestras, debates radiofônicos e conferências proferidas pelo filósofo frankfurtiano. Quatro destas conferências foram vertidas para o formato escrito pelo próprio autor, já a redação dos textos restantes foi realizada por terceiros.

A edição brasileira, publicada pela editora Paz e Terra pela primeira vez em 1995, conta com um prefácio do tradutor da obra Wolfgang Leo Maar. Neste prefácio, Maar oferece um panorama geral da relação entre o pensamento de Adorno e sua visão acerca da educação. O prefaciador nos lembra da importância que a obra Dialética do Esclarecimento, escrita por Adorno em conjunto com Max Horkheimer, possuiu no cenário crítico ao establishment que se configurou no movimento estudantil e sindical de 1968.

De fato, a crítica ao establishment é um aspecto da filosofia de Adorno que aparece de maneira contundente em Educação e Emancipação. A preocupação em diagnosticar os problemas da Alemanha pós-guerra e analisá-los de modo a torná-los evidentes inclusive para aqueles que se recusavam a reconhecê-los como problemas é demonstrada por Adorno em vários momentos do texto. Neste sentido, o texto que

¹²⁸ Estudante de graduação em Filosofia (UFPR). E mail: ribeiroalmeida.fernanda@gmail.com

inaugura a obra, intitulado “O que significa elaborar o passado”, aponta justamente para essa resistência que alguns núcleos da sociedade apresentam quanto ao reconhecimento daquilo que já não é mais imediato e dado no momento Adorno traz à tona o genocídio cometido sob o governo nazista nos campos de concentração de Auschwitz para examinar essa tendência ao esquecimento e diz:

Todos conhecemos a disposição atual em negar ou minimizar o ocorrido por mais difícil que seja compreender que existem pessoas que não se envergonham de usar um argumento como o de que teriam sido assassinados apenas cinco milhões de judeus, e não seis. Além disso, também é irracional a contabilidade da culpa, como se as mortes de Dresden compensassem as de Auschwitz. Na contabilização de tais cálculos, na pressa de ser dispensado de uma conscientização recorrendo a contra-argumentos, reside de antemão algo de desumano (...) (ADORNO, 2010, p. 31)

Na atitude daqueles que negam ou atenuam a ocorrência de uma barbárie reside um impulso de regressão ao irracional, ao desumano. Mas, mais do que se relacionar ao aspecto psicopatológico, a tendência ao esquecimento se vincula a um aspecto social determinado por princípios burgueses. Segundo Adorno

A sociedade burguesa encontra-se subordinada de um modo universal à lei da troca, do “igual por igual” de cálculos que, por darem certo, não deixam resto algum. Conforme sua própria essência, a troca é atemporal, tal como a própria razão, assim como, de acordo com sua forma pura, as operações da matemática excluem o momento temporal. Nesses termos, o tempo concreto também desapareceria da produção industrial. Esta procede sempre em ciclos idênticos e pulsativos, potencialmente de mesma duração, e praticamente não necessita mais da experiência acumulada (ADORNO, 2010, p. 32-33)

A dispensa da experiência acumulada significa também a dispensa da memória, do tempo e da lembrança. Isto significa que a sociedade que vive pelo que é imediatamente dado, alienada do seu passado, é regida por uma lei objetiva do desenvolvimento. Para Adorno, o assassinato em massa cometido em Auschwitz teve como causa fatores sociais objetivos, relacionados à ordem econômica e à relação que as pessoas mantinham com esta ordem. Quando os indivíduos se vêem determinados de maneira objetiva, isto é, abrem mão de sua subjetividade autônoma em prol do progresso econômico, eles se encontram numa situação de impotência e não-emancipação. É esta situação que propicia o surgimento e a perpetração de crimes tais como os perpetrados em Auschwitz. E esta situação, mesmo após a existência de Auschwitz, não mudou. Assim, Adorno coloca como prioridade da educação a criação de condições para que a barbárie, sob qualquer forma, não tenha lugar na sociedade. A frase “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (ADORNO, 2010, p. 119) abre o texto “Educação após Auschwitz”, no qual o pensador

desenvolve sua concepção de educação como instrumento de emancipação. Dada a permanência, no cenário global, das condições que propiciaram a criação da bomba atômica e de ideologias fascistas, a educação deve atuar no sentido de desestabilizar este cenário onde a regressão à barbárie é uma ameaça constante. Se a barbárie, como apontado pelo pensador frankfurtiano no texto que abre o livro, representa a ausência de consciência e a recusa ao pensamento racional, cabe à educação gerar no sujeito a reflexão sobre si próprio. Para Adorno (2010, p. 121), “é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica”. A educação considerada sob seu aspecto emancipatório é o objeto do debate entre Adorno e o jurista alemão Hellmut Becker transscrito em “Educação - para quê?”. Becker aponta para o caráter abstrato que o termo emancipação pode ganhar quando discutido apenas a partir do o plano teórico, sem ser considerado sob o ponto de vista da práxis. Neste sentido, Adorno aponta para o peso inquestionavelmente superior ao da educação que a ideologia dominante exerce sobre a formação do sujeito e que pode acabar conferindo à educação e ao seu papel emancipatório um caráter idealista. De fato, a educação parece enfrentar uma espécie de contradição: um dos seus papéis fundamentais constitui a adaptação do sujeito à realidade, tornando-o apto a se adaptar ao existente. Contudo, a educação também deve dar a esta adaptação um sentido novo, onde a realidade não é apenas reproduzida, mas torna-se objeto de reflexão do sujeito. Adorno considera o enfrentamento desta esta contradição mais urgente do que sua superação - que talvez nem seja possível realizá-la:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de well adjusted people , pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambigüidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela (ADORNO, 2010, p. 143-144)

Também no texto que dá nome ao livro, “Educação e emancipação”, o filósofo frankfurtiano dialoga com Becker a respeito do obstáculo que o establishment representa para o processo de emancipação. Segundo Adorno, quanto maior é o desejo de modificar o existente, maior é a resistência encontrada. Esta resistência é formada sobretudo por aqueles que defendem a permanência das coisas tal como elas se

encontram. Por isso, Adorno alerta para as dificuldades a serem enfrentadas por aqueles que pretendem atuar na transformação através da educação:

(...) as tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo e um aspecto específico qualquer imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, justamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz (ADORNO, 2010, p. 185)

Conscientizar-se de sua própria impotência - ou de suas impotências - é um aspecto da prática de autorreflexão crítica enfatizado por Adorno como fundamental na formação de professores. Os textos “A filosofia e os professores” e “Tabus acerca do magistério” oferecem insights acerca da visão que a sociedade alemã de sua época possuía da profissão de professor e dos preconceitos que os próprios candidatos a futuros professores carregavam de sua profissão. Adorno aponta o sistema de seleção de professores para escolas de Hessen, na Alemanha, como um dos responsáveis pela ausência de reflexão com que os selecionados tendiam a ocupar seus cargos. Este sistema, contudo, apenas integrava um quadro maior no qual o futuro professor se apresentava como alguém sem uma formação geral, uma formação que se apresentasse fruto de uma experiência consciente do tempo e espaço em que vivia. Para Adorno, a posse de tal formação demonstraria também a posse não apenas de erudição - único elemento avaliado pelo sistema de seleção -, mas de uma consciência crítica e de uma relação específica com o conhecimento. Nas palavras de Adorno,

Na verdade, ela [a formação geral] nem ao menos corresponde ao esforço, mas sim à disposição aberta, à capacidade de se abrir a elementos do espírito, apropriando-os de modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar com os mesmos unicamente para aprender, conforme prescreve um clichê insuportável. Se não fosse pelo meu temor em ser interpretado equivocadamente como sentimental, eu diria que para haver formação cultural se requer amor; e o defeito certamente se refere à capacidade de amar. Instruções sobre como isto pode ser mudado são precárias. Em geral a definição decisiva a respeito se situa numa fase precoce do desenvolvimento infantil (ADORNO, 2010, p. 64)

As primeiras fases do desenvolvimento da criança, considerado sob o aspecto cognitivo, psicológico e social, serão apontadas por Adorno como cruciais para uma intervenção bem-sucedida de um processo de educação que se pretenda emancipatório. Em consonância com os estudos psicanalíticos de Freud, o pensador da Escola de Frankfurt denuncia a banalização daquilo que é introduzido de maneira inconsciente no indivíduo e que acaba por formar o conteúdo de sua consciência.

No texto “Televisão e formação”, baseado em outro debate entre Adorno e Becker transmitido pelo rádio, o papel da televisão é discutido a partir de sua capacidade de intervir, tanto para o bem quanto para o mal, no processo de formação dos conteúdos da consciência subjetiva. A televisão, ainda que pareça ameaçadora graças a sua capacidade de comunicação em massa, se revela perniciosa ao indivíduo principalmente devido ao seu caráter ilusório. Para Adorno, esse caráter ilusório reside na criação de situações falsas que apresentam também falsas estratégias de resolução de conflitos. Nas palavras de Adorno:

Trata-se dessas situações inacreditavelmente falsas, em que aparentemente certos problemas são tratados, discutidos e apresentados, para que a situação pareça ser atual e as pessoas sejam confrontadas com questões substantivas. Tais problemas são ocultos sobretudo na medida em que parece haver soluções para todos esses problemas (...). Eis aqui o terrível mundo dos modelos ideais de uma “vida saudável”, dando aos homens uma imagem falsa do que seja a vida de verdade, e que além disto dando a impressão de que as contradições presentes desde os primórdios da nossa sociedade poderiam ser superadas e solucionadas no plano das relações inter-humanas, na medida em que tudo dependeria das pessoas (ADORNO, 2010, p. 84)

Em uma época onde a tecnologia, através de dispositivos e aplicativos que simulam interações sociais, absorve grande parte do tempo que as pessoas dedicam ao lazer, estimulando-as a viverem em uma espécie de realidade alternativa, a discussão colocada por Adorno ganha em atualidade e pertinência. Do mesmo modo, permanecem os questionamentos quanto à finalidade da educação, ao papel do professor e da sociedade na formação do indivíduo. Se Adorno não ofereceu respostas definitivas para tais perguntas – um feito que não o preocupava –, com certeza o pensador da Escola de Frankfurt apontou para a necessidade permanente de fazermos tais perguntas e, principalmente, para a necessidade de efetuarmos uma reflexão crítica dos desafios colocados pelo existente.